

As horas

(Linair Moura)

“As horas” é um romance de Michael Cunningham (1998) e uma de suas obras mais importantes, vencedora do Prêmio Pulitzer (1999) e responsável por colocá-lo no rol dos principais escritores norte-americanos. A obra é uma homenagem à escritora Virgínia Woolf (1882 - 1941), tendo como referência o livro Mrs. Dalloway, cuja leitura marcou a vida de Cunningham ainda quando era jovem.

O texto de Cunningham é profundo, envolvente e detalhado. Mostra a realidade cotidiana e opaca na vida de três mulheres, de três épocas distintas do século passado: envolve fatos da vida real de Virgínia Woolf (1882-1941), a escritora inglesa reconhecida na literatura mundial, no ano em que ela escreveu Mrs. Dalloway; Sara Brown (1949), uma dona de casa infeliz com sua vida doméstica que lê o romance de Virgínia; e Clarissa (década de 1990), uma editora bem-sucedida, apelidada de Mrs. Dalloway, em razão do livro.

Com esses elementos, As horas é um livro com cenários físicos e psicológicos, dos quais o autor capta os elementos certos para caracterizar o contexto social e emocional, nos quais explora o fluxo de consciência das personagens com seus conflitos interiores cuidadosamente construídos, mas cortados por um sabor acre que se sente na extensão que ganhou vida dessas mulheres. Veem-se as dificuldades externas e internas que elas enfrentam para se inserir e escapar da realidade que as cerca. As imagens reais e imaginárias revelam um tom amarelado do dia que o autor descreve na vida de cada uma.

Os conflitos interiores têm uma importância enorme para o autor. Eles não parecem desafiar o cotidiano no qual as personagens não conseguem se inserir, nem responder suas demandas. São conflitos existenciais criados pela inadequação à realidade, mas que não apresentam possibilidades ou resolução para os problemas das personagens, que tendem a fugir e buscar, mesmo na morte, a saída para a liberdade.

O início da leitura é difícil para o leitor que não conhece a obra de Virgínia Woolf e, só após alguns capítulos, é que se identificam linhas que tecem as três histórias e as conexões que só se revelam no final. Dentre essas linhas, ressaltam-se:

- A **morte**, que aparece como uma opção confortante, diante da incapacidade de lidar com as exigências da realidade: para Virgínia, que vive a dor do artista que desce aos porões da alma para dar humanidade e encantamento à sua obra e vê na morte a libertação das exigências da cidade e de sua vida como escritora; Laura vê a morte como uma opção confortadora que pode libertá-la de sua maçante vida doméstica; para Richard, escritor que vive um quadro avançado de AIDS, sua morte pode ser a libertação de Clarissa, que o visita e cuida dele todos os dias.
- A **passagem do tempo** é marcada, em cada capítulo, pela ação apressada das personagens, descrição do tempo e pela presença de relógios, os quais lembram de atividades que precisam ser executadas, quebram atos de satisfação ou marcam horas de

espera. O relógio é o pavoroso inimigo que interrompe de algo prazeroso para Laura; Mrs. Woolf tem um relógio sobre a mesa; Kitty tem um relógio de ouro; muitos relógios tem a casa de Leonard; um relógio marca a espera de Virgínia a plataforma do trem; um relógio é o presente que Sally deu para Clarissa. O tempo parece ser um inimigo para o cumprimento das exigências sociais e das tarefas do dia, pois, nessas rotinas, as personagens não encontram o sentido que falta a suas vidas.

- Na luta com o cotidiano, tudo parece **amarelado**. As rosas amarelas estão no túmulo do passarinho, no jardim de Virgínia, também estão no bolo de Laura para Dan; são rosas amarelas que Clarissa compra para a festa de Richard, a mesma cor nas rosas que Sally compra para Clarissa. Além das rosas, o amarelo está presente desde o prólogo, na superfície do rio, e depois, na cozinha de Laura, na entrada do prédio e nas paredes de Richard, na roupa de Sally que Clarissa reprova e até o salpicão é amarelo. Essa recorrência cria, para o leitor, um contexto pálido, desbotado, onde transcorrem as vidas sob as horas.
- A **fuga** das personagens que, de alguma forma, querem sumir de suas vidas, libertar-se de si mesmas, de seus destinos, da realidade que as comprime, daquilo que consciente ou inconscientemente escolheram e construíram como projeto de vida. Virgínia não aguenta viver em Richmond, tenta fugir para Londres; Clarissa deseja ser Louis, infeliz, estranho, sem escrúpulos, solto nas ruas; Laura foge para um hotel. As três personagens são apresentadas com um eu difícil de habitar, como terra sem contentamentos.
- Um **beijo**: os poucos momentos de contentamento das personagens são concretizados nos beijos fugazes, que aparecem como instantes de um prazer fugidivo, rápido, como um parêntese no denso cotidiano, mas sem censura, mesmo por Laura, que é casada com um herói de guerra e beija Kitty na frente do filho. Um beijo é a melhor lembrança de Clarissa e Richard. Virgínia beija Vanessa no jardim, expressando um dos poucos momentos de paz em que se integra nas exéquias do passarinho. Parece que o tormento de Virgínia e de Laura só encontram lugar de realização na vida de Clarissa, no beijo que ela dá em Sally no ato final, não do livro, mas do filme (adaptação do livro), quando escolhe ser feliz, com sua mulher, com a “suas antiquadas noções de identidade lésbica”, contrastando com a filha enfeitiçada por Mary Krull.

Ao mostrar um cotidiano árido no qual as personagens não conseguem se inserir e ao ressaltar o fluxo de consciência como forma de insurreição contra a realidade, tendo a morte como escape e opção viável, o autor nos ajuda a fazer um paralelo com o mundo atual, no qual o isolamento social tem marcado uma geração ansiosa, ausentes do cotidiano doméstico e social, e que tem o suicídio como forma de libertação e alívio de suas dores. É o que faz Virgínia na vida real, é o que deseja Laura, é que realiza Richard. Clarissa parece entender que a vida é aceitar o cotidiano, é integrar-se a ele no curso

das horas. Ela decide que é hora daquele dia acabar, que as nossas ações simples ou excelente apenas preenchem as horas, mas um dia se acabam.

Não é um livro para encorajamentos, para lições de fé. Tudo está em aceitar as horas como uma corrente que nos leva ou como um rio, no qual entramos com os bolsos cheios de pedra.